

Nós, os Jenipapos

Rubem Braga

PARECE que desta vez a Assembléia Estadual vai aprovar um projeto que permitirá a construção de fornos crematórios para defuntos. Vi outro dia na televisão um sacerdote católico — não fiquei sabendo quem era porque peguei o programa no meio — que protestava enérgicamente contra a iniciativa. Falava com tanta revolta e ardor que parecia que ele mesmo estava ameaçado de ser cremado.

Claro que o forno será para quem quiser. Eu mesmo deixo dito aqui: havendo forno, sou candidato a ele. Quero virar cinza. O destino dessas cinzas já me importa menos; mas se alguém quiser ter a fineza de levá-las até Cachoeiro e jogá-las na correnteza do Itapemirim, conte com a gratidão eterna deste (futuro) defunto.

Não sou doutor em cânones, mas creio que a Igreja Católica não tem um ponto de vista firmado contra a cremação. Dogma não é. De qualquer maneira fornos existem em muitos países católicos — como a Argentina, que é uma república oficialmente católica — e todos têm sua freguesia.

Mas já que estou em veia testamental aproveito para dizer que, se a idéia do forno não vingar a tempo, minha reivindicação é não ser enterrado no Cemitério São João Batista, que é o de minha paróquia. Tenho lá muitos bons amigos, mas sempre senti uma invencível antipatia por aquele cemitério atulhado de gente, desagradável, tetricamente prosaico. Mandem-me para Cachoeiro, onde estão meus pais, irmãos e tanta gente amiga — certamente ficarei mais à vontade, ali.

Bem, mas chega de falar em morte, pelo menos na minha. Confesso que não penso muito nessa coisa, mas de vez em quando é bom levar em conta esse fato pendente: somos como uns jenipapos, e qualquer dia, poc, iremos ao chão. Desculpem a imagem, se não é bonita nem agradável; mas foi a que me veio, é, pensando bem, não tenho motivo sério para me esforçar por trocá-la por outra mais bela. Morte é coisa feia. Mantenho o jenipado; somos uns jenipapos.

DN- 14.8.65